

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

LUCIANA THOMAZ DA SILVA MACHADO

**A sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do
Paraitinga**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**A sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do
Paraitinga**

Luciana Thomaz Da Silva Machado

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de Especialista
em Gestão de Projetos Culturais e Organização de
Eventos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karina Poli Lima da Cunha

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Dedico este artigo a meu Tio Geraldo Thomaz da Silva (*in memoriam*), por ter acreditado em mim e nas minhas escolhas e ter me apoiado incondicionalmente por toda vida.

Agradeço ao meu companheiro Marcos R. Khoriaty, por todo seu suporte e amor durante a jornada de elaboração desse trabalho e as minhas companheiras Elizabeth, Minerva e Bonie pela companhia, carinho, olhares e latidas de apoio.

A comunidade de São Luiz do Paraitinga, por todas as vivências proporcionadas e aos luizenses entrevistados Ana Rosa Moradei, Eduardo Coelho, Leandro Barbosa, Netto Campos e Rafael Cursino, pelo tempo dedicado e generosidade nas informações.

Aos queridos amigos Ana Carla Fonseca Reis, por ter me introduzido ao mundo da economia da cultura, André Luiz “Pomba” Cagni e Ana Paula Montero pelo incentivo.

Ao Prof. Dr. Dennis de Oliveira, ao Prof. Dr. João Roquer e à Prof.^a Dr.^a Maira Carvalho de Moraes, pelo profissionalismo e pela generosidade, a todos os professores da instituição CELACC/USP, por todo conteúdo ofertado durante o percurso e a todos os colegas de turma que, mesmo virtualmente, fizeram-se tão presentes.

E por fim à Prof.^a Dr.^a Karina Poli, por sua orientação incansável e confiança que tornaram possível a realização do meu sonho.

A SUSTENTABILIDADE DO CAPITAL CULTURAL IMATERIAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA¹

Luciana Thomaz da Silva Machado²

Resumo: o presente artigo investigou a sustentabilidade do capital cultural de São Luiz do Paraitinga/SP, cidade detentora de um dos mais notórios conjuntos patrimoniais (bens materiais e imateriais) do estado de São Paulo e que tem no turismo cultural sua principal atividade econômica. Para isso, o capital cultural da cidade foi analisado pela perspectiva econômica de Throsby (2001), considerando-o como o conjunto de bens culturais, em determinado tempo e espaço, capaz de dar origem a um fluxo de bens e serviços. Dessa forma, procurou-se compreender as influências do conjunto de bens imateriais no cotidiano da comunidade e a maneira pela qual foram estabelecidas as realidades operacionais vigentes no município. Por fim, foi desenvolvida uma análise dos pontos fortes e fracos da sustentabilidade do capital cultural local.

Palavras-chave: Economia da cultura. Capital cultural. Sustentabilidade. Turismo cultural. São Luiz do Paraitinga.

Abstract: This article delves into the sustainability of the cultural capital of São Luiz do Paraitinga / SP, a city that holds one of the most notorious cultural heritage (physical and intangible assets) in the state of São Paulo and that has cultural tourism as its main economic activity. For this, we analyze the cultural capital from the economic perspective of Throsby (2001), considering it as the set of cultural assets, in a certain time and space, capable of giving rise to a flow of goods and services. In this way, we try to understand the influences of the set of intangible assets in the daily life of the community and the way in which the operational realities in the municipality were established. Subsequently, we develop an analysis of the strengths and weaknesses of the sustainability of the local cultural capital.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos.

² Pós-graduanda.

Keywords: Cultural economics. Cultural capital. Sustainability. Cultural tourism. São Luiz do Paraitinga.

Resumen: este artículo investiga la sustentabilidad de la capital cultural de São Luiz do Paraitinga / SP, ciudad que tiene uno de los conjuntos patrimoniales (bienes materiales e inmateriales) más notorios del estado de São Paulo y que tiene su principal actividad económica en el turismo cultural. Para ello, analizamos el capital cultural desde la perspectiva económica de Throsby (2001), considerándolo como el conjunto de bienes culturales, en un tiempo y espacio determinados, capaces de originar un flujo de bienes y servicios. De esta manera, buscamos comprender las influencias del conjunto de bienes inmateriales en la vida cotidiana de la comunidad y la forma en que se establecieron las realidades operacionales vigentes en el municipio. Finalmente, desarrollamos un análisis de los puntos fuertes y debilidades de la sustentabilidad del capital cultural local.

Palabras clave: Economía de la cultura. Capital cultural. Sustentabilidad. Turismo cultural. São Luiz do Paraitinga.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o interesse a respeito do binômio economia e cultura cresceu em diversos países do mundo, bem como nas principais agências internacionais de desenvolvimento. Esse interesse se deve à importância da cultura na construção de narrativas em meio a tantos conflitos e também ao potencial que modelos econômicos estruturados a partir de bens culturais possuem em promoverem o desenvolvimento sustentável.

Nesse cenário, a economia da cultura, disciplina que se utiliza de metodologias fundamentadas na economia e aplicadas ao campo cultural, em busca do entendimento dos fenômenos culturais pelo aspecto econômico, teve sua importância fortalecida (FONSECA REIS, 2007).

Inicialmente, a disciplina estava focada em avaliar a necessidade e a eficiência de subsídios públicos para as artes da cena e os processos de formação de plateia. Com o passar do tempo, o entendimento de cultura foi expandido, agregando a perspectiva antropológica (modo de vida, crenças, valores), e paralelamente ocorreu um fortalecimento das indústrias culturais.

Dessa forma, a cultura, pela perspectiva econômica, evoluiu da condição de subsidiada à condição de promotora de benefícios econômicos.

O turismo cultural, modelo econômico que tem como principal atrativo o patrimônio cultural, é uma realidade em todo mundo. E pode ser considerado como uma alternativa plausível para um país como o Brasil, detentor de um conjunto patrimonial colossal. Entretanto, para a implementação de tais modelos, é necessário levar em conta o valor cultural intrínseco a esse patrimônio.

De acordo com Throsby (2001), é o valor cultural que distingue os bens culturais das demais mercadorias e promove o valor econômico nas realidades operacionais culturais. Isso posto, torna-se claro que a preservação e, se possível, a expansão do valor cultural, devem pautar a gestão de tais modelos.

Estamos habituados ao entendimento do valor econômico, que pode ser mensurado em unidades monetárias, determinado por sua utilidade e por sua avaliação de mercado. Contudo, no aspecto cultural, o valor subsiste em certas propriedades dos fenômenos culturais, e não existem unidades específicas para sua aferição.

O valor cultural pode ser composto por aspectos estéticos, espirituais, sociais, históricos, simbólicos e de autenticidade, e cada um desses aspectos pode ser avaliado por diferentes técnicas (mapeamento, análises específicas, avaliação de especialistas, dentre outras) (THROSBY, 2001).

Pioneiro na economia de cultura e na política cultural, Throsby (2001) pormenoriza as características do valor cultural e do valor econômico e introduz o conceito de capital cultural. Tal conceito estabelece uma ponte entre economia e cultura, uma vez que, a partir dele, o autor desenvolve indicativos de gestão e princípios de sustentabilidade para a análise e estruturação de modelos econômicos culturais.

O termo capital cultural está presente em diversas áreas do conhecimento, contudo o presente artigo é norteado pela perspectiva da economia da cultura.

A consideração do capital cultural, não no sentido de Bourdieu de características humanas, mas no sentido econômico de um estoque de ativos de capital, que dão origem ao longo do tempo a um fluxo de serviços de capital, abre possibilidades poderosas para conceituar cultura de maneiras que ressoam dentro da economia e da teoria cultural. Ele também fornece acesso a uma gama de ferramentas analíticas que ajudarão a dar substância operacional para esses conceitos. A consideração do valor cultural em paridade com o econômico valor, pelo menos em termos conceituais, fornece uma representação equilibrada da forma como o capital cultural, tangível e intangível, contribui para resultados econômicos e culturais (THROSBY, 2001, p. 53).

Consideramos necessário aplicar o conhecimento acadêmico disponível sobre capital cultural e sustentabilidade a realidades operacionais vigentes, em busca de parametrizações capazes de subsidiar reflexões e fomentar novos arranjos culturais. Com base nessa premissa e nos princípios de avaliação da sustentabilidade do capital cultural estabelecidos pelo autor citado, propusemos uma investigação sobre a situação de sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do Paraitinga, em São Paulo.

Nossa escolha se justifica por São Luiz do Paraitinga ser notoriamente detentora de patrimônio cultural preservado, e o turismo cultural ser a principal atividade econômica do município.

Procuramos verificar quais valores e bens culturais promovem o capital cultural local, de que forma esse conjunto de bens culturais influencia no cotidiano do município e como deu origem a outros bens e serviços, tais como carnaval, festivais, festas populares entre outros. Por fim, pesquisamos a respeito da gestão e de medidas de sustentabilidade desse capital.

A pergunta que norteia o presente artigo é: o modelo vigente promove crescimento sem esgotar os recursos para o futuro?

Para promover o município como destino turístico, são atribuídos a ele os predicados de “Terra das Mil Festas” e “Último Reduto Caipira”.³ Essas denominações se referem ao patrimônio imaterial da comunidade, pois conjugam práticas, costumes e tradições herdadas e transmitidas por gerações, entendidas neste trabalho como valores culturais. Dessa forma, necessitam de atenção especial em diversos aspectos, visando a sua sustentabilidade.

Ao abordarmos modelos operacionais implantados tendo como referência o conceito de capital cultural, especialmente o imaterial, foi necessário analisarmos como tais bens intangíveis foram concebidos, quem são os detentores desses valores e promotores desses bens, quem se utiliza dos benefícios por eles promovidos (materiais ou não) e de que forma ocorre a transmissão intergeracional desse legado (THROSBY, 2001).

Sabemos que o modelo de turismo cultural vigente em São Luiz do Paraitinga foi desenvolvido de modo intuitivo e empírico através dos anos. Porém, ainda que estabelecido de forma orgânica, o conjunto de bens culturais intangíveis foi combinado a outros insumos e está lá, com seus potenciais e vulnerabilidades, promovendo valor econômico, renda e emprego.

A metodologia utilizada para elaboração do presente artigo contemplou inicialmente uma pesquisa etnográfica realizada pela autora em diversas viagens a São Luiz do Paraitinga, no período de 2009 a 2020, totalizando mais de 100 dias de observação.

Em um segundo momento, à luz do conceito de capital cultural de Throsby (2001), determinamos os eixos centrais da pesquisa:

- a. Valores e bens culturais imateriais que promovem o capital cultural de São Luiz do Paraitinga.
- b. Influências do capital cultural no cotidiano luizense.
- c. Gestão e sustentabilidade do capital cultural luizense.

³ Comunicação oficial do *website* da Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.turismoaoluizdoparaitinga.com.br/>>. Acesso em 18/11/2020.

Adotamos uma abordagem qualitativa, mesclando pesquisas exploratórias e explicativas. Como instrumento, optamos por entrevistas semiestruturadas, realizadas por meio de videoconferência.

Os entrevistados foram selecionados por sua atuação e representatividade na cultura local, seja em entidades do 3º setor ligadas à preservação do patrimônio imaterial, seja em órgãos públicos da cultura, por meio da observação exploratória realizada por nós ao longo de vários anos. São eles:

1. Ana Rosa Moradei – assistente social, cantora e membro-fundadora da Associação dos Blocos de Carnaval (ABLOC) de São Luiz do Paraitinga.

2. Benedito Filadélfo de Campos Netto – músico e atual secretário de Turismo e Cultura de São Luiz do Paraitinga.

3. Eduardo Oliveira Coelho – pós-graduado em Ecoturismo, participante do Grupo de Estudos para a Promoção do Turismo Sustentável e Responsável da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Membro-fundador da Sociedade dos Observadores de Saci (SOSACI), que tem como principal intuito valorizar e difundir a tradição oral, a cultura popular e infantil, os mitos e as lendas brasileiras.

4. João Rafael Cursino – doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), músico e empresário do setor do comércio. Foi festeiro da Festa do Divino Espírito Santo de 2017, em São Luiz do Paraitinga. Atualmente, é presidente da Associação Dos Amigos Para A Reconstrução E Preservação Do Patrimônio Histórico E Cultural De São Luiz Do Paraitinga (AMI São Luiz), a qual trabalha com a promoção e difusão do patrimônio cultural imaterial da cidade.

5. Leandro Barbosa – músico e professor de Artes e História.

Para a análise das informações coletadas, tomaremos como referência teórica a obra de Throsby (2001).

2. CAPITAL CULTURAL

Apesar de todos os processos econômicos ao longo da história terem sido permeados por aspectos culturais, a economia da cultura propriamente dita reúne campos do conhecimento tradicionalmente distantes, com inúmeras questões a serem abordadas.

O conceito de capital cultural de David Throsby, referencial teórico do presente artigo, fornece meios para análise e gestão de modelos econômicos culturais.

O capital cultural existe como fonte de bens culturais e serviços que proporcionam benefícios tanto agora como no futuro. Como indivíduos ou como sociedade, podemos permitir que o capital cultural se deteriore com o tempo, podemos mantê-lo, ou podemos aumentá-lo, em suma, podemos gerenciar de uma forma que se adapte ao nosso propósito individual ou coletivo. Quais princípios devem orientar nossas decisões de gestão? (THROSBY, 2001, p. 53).

Throsby (2001) estabelece que qualquer bem que se incorpore, armazene ou forneça valor cultural, além de qualquer valor econômico, pode ser considerado capital cultural, seja ele tangível ou intangível.

Dessa forma, manifestações culturais populares se tornam ativos de capital, podendo ser articuladas como duradouras reservas de valor, provedoras de benefícios (materiais ou imateriais) para grupos ou indivíduos, no momento presente ou por mais gerações, dependendo da maneira com que forem gerenciadas.

Quando determinados bens culturais se apresentam em formas tangíveis, como, por exemplo, obras de arte, imóveis, livros etc., é mais fácil compreendê-los como ativos econômicos. Todavia, os bens culturais imateriais, como, por exemplo, as tradições, a língua, os costumes etc., também são ativos econômicos, pertencentes à comunidade a que se referem (THROSBY, 2001).

O conjunto de bens existentes em determinado tempo e local é denominado estoque de capital cultural. Esse estoque pode ser articulado a outros insumos e dar origem a fluxos de bens e serviços, que, por sua vez, podem ser consumidos ou ainda combinados a outros insumos e dar origem a novos bens que também terão valores nos aspectos culturais econômicos (THROSBY, 2001).

Via de regra, o patrimônio cultural imaterial está atrelado a condições que promovem o desenvolvimento humano, tais como: a participação na vida cultural, a promoção de acesso ao conhecimento e informação e a valorização dos aspectos coletivos e colaborativos.

Esse conjunto de práticas amplia e aprimora as capacidades das pessoas, resultando em condições favoráveis à promoção de modelos de desenvolvimento sustentável e não apenas à promoção de renda e emprego.

É necessário atentar para como os fluxos de bens e serviços advindos desse patrimônio são estabelecidos, contemplando prioritariamente modelos endógenos que beneficiem os detentores dos saberes e garantam a transmissão intergeracional do legado.

Assim como as outras formas de capital (físico, humano e natural), o capital cultural pode ser administrado para se fortalecer e ser expandido, ou mesmo chegar às vias de extinção se negligenciado, ou explorado de maneira insustentável (THROSBY, 2001).

É preciso reconhecer o valor cultural como cerne dos modelos econômicos culturais, colocando sua preservação e expansão como norteadoras desses arranjos, seja no âmbito público ou em ações da iniciativa privada, visando à sustentabilidade do capital cultural.

3. SÃO LUIZ DO PARAITINGA (SP)

A cidade, fundada em 1769, possui atualmente pouco mais de dez mil habitantes e está localizada no Vale do Paraíba, a 170 km da capital paulista.

À primeira vista, seu centro histórico chama atenção pelo traçado urbano racional e pelo casario colonial, construído durante a fartura econômica do ciclo do café, em sua maior parte bem conservado. Esse conjunto arquitetônico foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) em 1982, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2009, e seu centro histórico reconhecido como patrimônio cultural nacional em 2010.

Em 2002, a cidade foi alçada à condição de estância turística e, nas últimas décadas, o turismo cultural cresceu até alcançar a posição de principal atividade econômica do município.

A beleza arquitetônica e a riqueza das tradições e da cultura são elementos que se entrelaçam em São Luiz do Paraitinga. A identidade da população está ancorada em seus admiráveis costumes populares.

Famosa por ser o último reduto caipira do estado de São Paulo e por preservar com vigor suas tradições, São Luiz do Paraitinga celebra com muita propriedade suas festas religiosas, enfeitando-as com catiras, danças de fitas, do balaio, de São Gonçalo, do sabão, moçambiques,

congadas, folguedos e serestas. Nesse contexto também se inserem as pastorinhas, as folias de Reis e do Divino, as brincadeiras de rua, os bonecos gigantes, as histórias incríveis do Saci Pererê, da mula sem cabeça, do corpo seco e um sem-fim de lendas e mitos transmitidos de geração em geração, desafiando séculos e séculos de informações técnicas cada vez mais aprimoradas. As principais celebrações populares religiosas são: Semana Santa, Festa de São Benedito, Festa do Divino, Corpus Christi, Festa de São Luiz de Tolosa, Festa de Nossa Senhora das Mercês, Festa de São Sebastião e Festa de Santa Cecília.⁴

No âmbito das linguagens artísticas, a música é destaque. São promovidos anualmente os seguintes eventos: Festival de Marchinhas, Carnaval, Festival de Música Junina (Arraial do Chi Pul Pul), Temporada de Inverno, Festival de Música de Raiz Sertaneja, Semana Elpídio dos Santos e Festa do Saci e seus amigos.

Ao todo, o vigoroso calendário cultural luizense promove quase 50 festas a cada ano, resultando em ambiente fértil para a produção cultural. As manifestações envolvem ativamente a população local e dessa forma promovem aspectos de difusão, formação e salvaguarda da cultura local simultaneamente.

Em sua história recente, o município renasceu duas vezes, em ambas por meio de sua identidade cultural. A primeira vez, lá pelos idos de 1980, após a mobilização de um grupo de jovens músicos locais (algum tempo depois parte desses jovens montaria o “Grupo Paranga”) que deu início a um movimento de valorização da identidade luizense. Motivados por uma reportagem da rede Globo, considerada por muitos ofensiva, a respeito dos motivos pelos quais a cidade não tinha carnaval, decidiram retomar a realização do evento (ALLUCCI, 2015).

Durante décadas, o carnaval não foi realizado em São Luiz do Paraitinga, cidade muito religiosa, em obediência ao Monsenhor Ignácio Gióia, representante máximo da igreja católica no município. Reza a lenda que o Monsenhor alertava os fiéis de que, em caso de folia, nasceriam em seus corpos rabos e chifres ou haveria uma grande enchente que destruiria toda a cidade. Assim, a retomada do carnaval na década de 80 tornou-se bastante significativa, pois transcendeu as influências do samba e do carnaval carioca e desenvolveu uma identidade própria, quase uma projeção estética do modo de vida peculiar de sua população, que, mesmo nos dias atuais, mantém hábitos e valores sociais da cultura caipira (ALLUCCI, 2015).

⁴ Disponível em: <<https://www.amisaoluiz.org.br/sao-luiz-do-paraitinga>>. Acesso em 12 de nov. 2020.

Historicamente musical, a cidade desenvolveu um ritmo próprio: a marchinha luizense. A esse respeito, Marcos Rio Branco, notório compositor de São Luiz do Paraitinga, relatou:

Embora as marchas carnavalescas tenham origem carioca, o emprego delas em São Luiz é resultado da tradição das fanfarras na cidade. Sua estrutura mantém compassos semelhantes aos elementos da modinha, da música caipira (violões) e de folguedos populares como catira e moçambique, criando assim uma nova variação para as marchas. O ritmo das violões, do sapateado e das palmas dos dançarinos de catira são exemplos dessa simbiose entre a marcha luizense e os elementos do folclore local (MORAES, 2011).

O segundo renascimento se deu após uma enchente sem precedentes, ocorrida entre 31 de dezembro de 2009 e 01 de janeiro de 2010, quando, tal qual a lenda do Monsenhor, a força da água devastou o centro histórico. Parte dos imóveis, incluindo a igreja matriz, construídos com taipa de pilão e pau a pique, não resistiu à pressão da água: as paredes de barro se estufaram e depois vieram abaixo, igual um bolo solado.

Não houve mortes causadas diretamente pela enchente, embora, com o passar dos meses, alguns idosos tenham ido a óbito. Na cidade, acredita-se que tais mortes aconteceram em decorrência da saudade dos objetos ligados à memória afetiva que a água levou.

Após tamanha adversidade, toda comunidade se mobilizou em um trabalho coletivo incansável para limpeza e reconstrução da cidade. O conjunto de valores sociais, espirituais e culturais foi a força motriz desse processo.

Os órgãos de defesa do patrimônio, CONDEPHAAT (estadual) e IPHAN (federal) efetivaram parcerias com entidades locais, garantindo repasses financeiros que possibilitaram a reconstrução de quase todos os imóveis atingidos, com exceção de poucos imóveis particulares que ainda não foram reconstruídos.

A população se apropriou devidamente do processo de reconstrução, acompanhando de perto cada detalhe. A situação de vulnerabilidade provocada pela enchente potencializou na população os instintos de preservação de seu patrimônio e despertou atenção para outro ponto sensível: a multidão, maior a cada ano, que o carnaval atrai para a cidade.

Em 2009, São Luiz recebeu 150 mil foliões durante o carnaval, 15 vezes o tamanho de sua população.

Esse volume de pessoas, muito acima da capacidade receptiva da cidade, expôs o patrimônio cultural a um alto grau de vulnerabilidade.

Impactos culturais do turismo de massa são bem conhecidos, e vão desde as pressões físicas impostas por um grande número de turistas sobre locais de patrimônio aos danos que podem ser causados aos valores culturais da comunidade local, uma vez que o espaço físico seja invadido por visitantes grosseiros e insensíveis (THROSBY, 2001, p. 129).

Desde então a prefeitura municipal tem implantado medidas para a contenção de público durante o período do carnaval, tais como pedágios de acesso à cidade e cobrança de taxa de estacionamento em todo o perímetro urbano. Além disso, o poder público também tem investido em cartilhas de conscientização (Manual do Folião).

Por sua vez, a Associação do Blocos de Carnaval de São Luiz do Paraitinga (ABLOC) é compromissada com a preservação dos valores culturais do conjunto de símbolos e tradições, por eles denominado “Carnaval Cultural”, e tem como pautas: a manutenção dos cortejos pelo centro histórico, que perfazem o mesmo trajeto das procissões religiosas; as bandas de chão formadas por naipes de metal e percussão acompanhando os blocos; a preservação da história e identidade de cada bloco; a valorização do bairro de origem, que deve ser o local da concentração; e o uso de vestimenta e adereços.

Em 2020, muito em virtude do fortalecimento do carnaval de rua de São Paulo, São Luiz do Paraitinga recebeu cerca de 80 mil foliões, número considerado menos prejudicial ao patrimônio local. Contudo, parte do comércio e moradores que alugavam suas casas para enormes grupos de estudantes sentiram-se prejudicados com a diminuição do número de turistas na cidade.

Ainda em 2020, o patrocínio de uma cervejaria amenizou significativamente o impacto dos custos da festa aos cofres públicos, uma vez que a produção e a infraestrutura necessárias à produção do carnaval chegavam a consumir 80% do orçamento da Secretaria de Cultura e Turismo do município. Esse patrocínio possibilitou à cervejaria vender bebidas durante o evento, o que gerou descontentamentos em parte dos comerciantes do centro histórico.

As situações mencionadas são apenas exemplos do alto grau de dependência econômica do município em relação ao modelo de turismo de massa vigente no carnaval luizense e das dificuldades emergentes da promoção de mudanças para um modelo que visa à sustentabilidade, uma vez que isso pode significar a curto prazo uma redução nos ganhos econômicos individuais.

Sabemos que as festas das culturas populares são promotoras do turismo cultural, fomentam a economia local e ativam a própria cadeia produtiva artística do município, mas é preciso atentar para as origens e os contextos dos valores culturais intrínsecos a cada uma das manifestações

culturais, para as condições em que se realizam e para a veiculação de seus significados, a fim de evitar que se reduzam a meras espetacularizações.

4. VALORES E BENS CULTURAIS IMATERIAIS QUE PROMOVEM O CAPITAL CULTURAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA

Iniciamos as entrevistas com perguntas sobre os valores e os bens culturais imateriais que deram origem ao capital cultural de São Luiz do Paraitinga, suas características e diferenciais e também sobre sua importância para o cotidiano da comunidade.

Leandro Barbosa, músico, professor de Artes e História, ex-diretor de Cultura de uma gestão municipal anterior, contou-nos que as características da cultura caipira são predominantes em São Luiz do Paraitinga. No seu ponto de vista, São Luiz do Paraitinga se distingue das demais cidades da região do Vale do Paraíba, que passaram pelos mesmos processos históricos e ciclos econômicos pelo fato de ter conseguido preservar mais o patrimônio imaterial, resultando no que ele considera o maior bem cultural local: o conhecimento popular.

Acredito que esse seja um dos nossos maiores patrimônios imateriais, o próprio conhecimento do nosso povo que foi passando de geração para geração e conseguiu até hoje ser preservado. Desde um canto de Folia de Reis até a forma de se fazer um pastel de farinha ou um afogado, pratos da nossa gastronomia, por exemplo (informação verbal).⁵

Leandro também nos contou como o patrimônio imaterial e a vida rural estão amalgamados em São Luiz do Paraitinga, promovendo valores, como, por exemplo, a coletividade.

Aqui nós temos o Brão, que é uma música que é cantada na roça, são duas pessoas, geralmente o mestre e a mestra, e eles para conseguir roçar o pasto, os dois convidam lá vários amigos e amigas, cada um com penado na mão. De acordo com a toada, de acordo com a batida da viola, os dois vão cantando, as outras pessoas que estão com a foice na mão vão roçando o pasto e fazendo esse trabalho de mutirão. Então você já aprende logo no ofício de roçar o pasto o quanto é importante a coletividade porque ali ninguém está recebendo um valor para poder trabalhar, pelo contrário. Todos estão lá como voluntários e voluntários, mas todo mundo ajuda o outro, um trabalha com outro, uma ajuda a outra, uma trabalha com a outra, e assim que consegue roçar um pasto inteiro ou consegue construir

⁵ Entrevista concedida por BARBOSA, Leandro. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

uma casa através de um mutirão, sem gastar um centavo de mão de obra (informação verbal).⁶

Rafael Cursino, doutor em História, músico e empresário, falou-nos sobre o município ser economicamente pobre e sem muitos recursos técnicos e sobre necessidade de a comunidade, especialmente da zona rural, organizar-se para superar essas questões, o que resultaria na preservação de um modo de vida coletivo no qual as festas rurais têm grande importância. “Para mim, a principal questão da identidade do patrimônio imaterial de São Luiz é a coletividade. O modo de vida do luizense ainda se preserva de uma forma muito diferente da maioria dos locais” (informação verbal).⁷

É possível identificarmos nos relatos de Leandro Barbosa e Rafael Cursino a função utilitária dos bens culturais, uma vez que promovem benefícios de ordem material e imaterial e também a transmissão intergeracional dos bens imateriais, ambos princípios para sustentabilidade do capital cultural.

Segundo Throsby (2001), o capital cultural é capaz de promover benefícios materiais na forma de uma utilidade direta ou promover valores que resultam em melhorias na qualidade de vida coletiva. Além disso, a transmissão intergeracional é a forma de garantir que as próximas gerações não sejam privadas desses benefícios.

O Brão articula esses dois aspectos, pois promove uma utilidade direta, no caso o pasto roçado sem que exista paga financeira, e fortalece o pertencimento e a identidade coletiva. Esses benefícios contribuem para que a prática cultural não cesse e seja transmitida de geração para geração, promovendo assim sua sustentabilidade.

Procuramos investigar mais detalhes dessa questão identitária, ressaltada em uníssono por nossos entrevistados e, a esse respeito, Ana Rosa Moradei, assistente social, cantora e membro-fundadora da ABLOC nos explicou:

A identidade, o poder se reconhecer dentro de uma coletividade, a própria identidade do que é ser luizense e essa questão da identidade puxa é a resistência cultural. Para mim, talvez esse seja o maior valor. É o que a gente tem medo de perder, a questão identitária e a vivência grupal.

⁶ Entrevista concedida por BARBOSA, Leandro. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

⁷ Entrevista concedida por CURSINO, João Rafael. [17.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

(...) A identidade coletiva é o que nos reergueu depois da enchente, superando inclusive as diferenças religiosas. Era até engraçado, os evangélicos perguntavam quando que iria reerguer a igreja, porque São Luiz é guiada pelo sino, você só tem fome na hora que o sino bate. Tem evangélico que contribui pra festa do Divino, os mais tradicionais, não os mais recentes, mas aqueles vivem na cidade faz tempo e que entendem que os significados do Divino transcendem o aspecto religioso (informação verbal).⁸

A seguir, procuramos identificar as características das linguagens artísticas que compõem o capital cultural de São Luiz do Paraitinga. Eduardo Coelho, pós-graduado em ecoturismo, membro-fundador da SOSACI, que já atuou como diretor de Turismo do município em algumas gestões, relatou-nos a esse respeito:

Aqui nós temos a cultura caipira e a musicalidade. A musicalidade é muito forte, a influência de Elpídio dos Santos e outros tantos músicos. Foi o que motivou o carnaval e os festivais que acontecem por aqui. Todas as festas, quer seja religiosa ou profana tem que ter música (...). Temos mais de vinte e cinco danças catalogadas (...). Temos o imaginário aguçado, a contação de histórias, a oralidade é muito forte também. (...) Temos a cozinha caipira que envolve tradições tropeiras, indígenas, africanas, várias raízes. As pessoas detêm esse conhecimento que é um grande patrimônio, mas que você não enxerga no primeiro momento. Você olha o conjunto de casarões tombados e pensa: nossa que casa linda, maravilhosa, mas o que nos interessa são as pessoas que estão dentro da casa. A nossa cultura é viva, é dinâmica e ativa (informação verbal).⁹

A diversidade descrita por Eduardo Coelho é essencial para a manutenção dos sistemas culturais. Nesse sentido, Throsby compara a importância da diversidade cultural para o capital cultural, bem como a importância da biodiversidade no que tange aos recursos naturais. "A diversidade de ideias, crenças, tradições e valores produz um fluxo de serviços culturais que é bastante distinto dos serviços fornecidos pelos componentes individuais" (THROSBY, 2001, p. 57).

O depoimento de Eduardo Coelho se assemelha à percepção que tivemos durante nossa imersão no município para a observação exploratória pelo período de mais de 100 dias: uma cidade que pulsa cultura, onde o profano e o religioso muitas vezes se concatenam e, acima de tudo, uma cidade musical.

⁸ Entrevista concedida por MORADEI, Ana Rosa. [15.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

⁹ Entrevista concedida por COELHO, Eduardo Oliveira. [22.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Interessados em saber sobre as origens da musicalidade luizense, procuramos Netto Campos, músico e atual secretário de Cultura e Turismo do município. Ele nos contou que historicamente a música é o principal patrimônio de São Luiz do Paraitinga, uma tradição secular, advinda das corporações musicais, e que a cidade chegou a ter cinco corporações musicais simultaneamente. Essas condições promoveram a formação de diversas gerações de músicos e grupos musicais de linguagens variadas, inclusive o *jazz*, incomum em pequenas cidades do interior.

Dentro da musicalidade local, a grande referência ainda é Elpídio dos Santos (1909-1970), maestro, multi-instrumentista e compositor, autor de boa parte das trilhas sonoras dos filmes de Mazaroppi.

Contudo, recentemente, descobriram outro grande artista luizense: Nestor Campos (1920-1993), de quem pouco se tinha ouvido falar, mas que tocou com grandes nomes da música popular brasileira e internacional.

São Luiz é muito interessante, sempre teve essa questão de ser uma cultura de vanguarda. Inclusive com a própria marchinha que ganha aqui uma identidade totalmente própria, e daí estoura nacionalmente o Carnaval de São Luiz. A marchinha passa a ser tocada não só aqui e em toda a região, mas principalmente em São Paulo, onde faz ainda mais sucesso (informação verbal).¹⁰

A diversidade cultural é estratégica, uma vez que tem a capacidade de promover a geração de novos capitais culturais. Tal dinâmica ocorre, pois, obras criativas são inspiradas pelo estoque de recursos existentes e, dessa forma, um ambiente com maior diversidade de recursos estará potencialmente mais apto para a concepção de obras artísticas culturalmente mais valiosas (THROSBY, 2001).

5. INFLUÊNCIAS DO CAPITAL CULTURAL NO COTIDIANO LUIZENSE

Coletadas as principais percepções dos entrevistados quanto às características do capital cultural, direcionamos nossa investigação para as influências desse capital no dia a dia do município. Investigamos a quais fluxos de bens e serviços o capital cultural dá origem e também qual o grau de dependência econômica de São Luiz do Paraitinga em relação ao turismo cultural.

¹⁰ Entrevista concedida por CAMPOS NETTO, Benedito Filadélfo de. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Rafael Cursino nos relatou que, como qualquer cidade, São Luiz tem seu fluxo diário de atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços, mas que é em torno dos eventos e das festas que a cidade se organiza:

Não tem muito como você fazer uma política pública em São Luiz se você não contemplar ou a partir do calendário cultural. Não tem como você planejar a economia de uma empresa de São Luiz, se você não economizar muito a partir das festas culturais que acontecem. A cultura ela dá um start muito maior do que a gente costuma considerar (informação verbal).¹¹

Eduardo Coelho nos explicou que São Luiz do Paraitinga é uma estância turística, onde não existem grandes empresas ou indústrias, e que o maior atrativo turístico e ativo econômico da cidade é a cultura, pois são as festas e os eventos culturais que promovem o desenvolvimento econômico local por meio dos setores de comércio, serviços e turismo.

Netto Campos, secretário de Turismo e Cultura, declarou que a dependência econômica de São Luiz do Paraitinga em relação ao turismo cultural é total; apesar de existirem outros segmentos, como o turismo de aventura e natural, as atividades culturais são os principais atrativos.

Ana Rosa Moradei considerou problemático falar sobre esse grau de dependência por não ter conhecimento de dados oficiais. No entanto, acrescentou que, em sua percepção, o turismo cultural ainda é um potencial a ser trabalhado em São Luiz do Paraitinga. Apontou ainda que o capital cultural luizense é uma herança coletiva e que existe uma falha na distribuição dos benefícios, pois poucos usufruem deles. Segundo ela, há necessidade de se construir um amplo entendimento na cidade acerca dos investimentos nos eventos culturais.

Quem faz o carnaval? Quem carrega boneco? Quem paga? E quem tira do bolso, não é o comércio. Você tem um voluntariado que promove tudo isso, mas quem ganha com isso é um outro grupo, exatamente quem não investe. A briga para o comércio investir vem de longa data, no Carnaval, na Festa do Divino. Você acaba não incentivando a pessoa que recebeu a herança de continuar fazendo, pois não existe a distribuição econômica e nem a valorização cultural. Veja um filho de um congadoiro, se ele precisa sobreviver e a opção que ele tem é muito desligada da Congada, ele vai para o chão da fábrica trabalhar apertando parafuso. Ele não tem condição e nem incentivo pra continuar com a congada (informação verbal).¹²

¹¹ Entrevista concedida por CURSINO, João Rafael. [17.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

¹² Entrevista concedida por MORADEI, Ana Rosa. [15.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Rafael Cursino também afirmou que São Luiz é uma cidade turística cujo mote é a cultura, mas que, apesar disso, ainda não houve o privilégio de a cultura ser linha de frente em nenhuma gestão municipal. Destacou a necessidade de se criar uma estrutura com várias pessoas para gerir esses aspectos entre cultura e mundo real, mundo econômico e global, uma vez que, segundo ele, o turismo cultural se apropria de muitas coisas e pode, em certos casos, ser predatório à cultura.

Além disso, afirmou que o luizense ainda não abraçou bem o turismo, enxergando-o como se fosse um monstro. Por isso existe a necessidade de encontrar um caminho para que São Luiz articule a preservação de seus aspectos culturais com o mundo dos negócios que vem atrás da indústria do turismo e da indústria cultural. É preciso criar um modelo no qual o turismo de São Luiz cresça assentado no valor cultural, um modelo no qual a cultura seja o voto de Minerva. Em suas palavras: “Tem que ter muito cuidado, mas ser muito fechado no discurso já fez a cidade perder muita chance em crescer no sentido de ter suporte material, inclusive para poder dar apoio as manifestações culturais se manterem daqui para frente” (informação verbal).¹³

Throsby (2001) traça um paralelo entre o conceito de turismo sustentável natural e cultural e, em ambos os casos, espera-se que esse turismo seja sensível aos valores locais, não intrusivo e não degradante. A sustentabilidade indica que, ao invés de buscar a extração de lucros em um curto prazo, os modelos operacionais sejam definidos por estratégias de longo prazo, capazes de preservar o capital em questão, de modo que as próximas gerações também venham a ser beneficiadas.

6. GESTÃO E MEDIDAS DE SUSTENTABILIDADE DO CAPITAL CULTURAL

A partir da constatação da importância do capital cultural de São Luiz do Paraitinga para sua população, tanto em aspectos econômicos quanto em aspectos identitários, questionamos os entrevistados em relação às medidas práticas de sustentabilidade que poderiam ser implementadas no município.

Eduardo Coelho defendeu a criação de uma lei de salvaguarda que promova diretamente as pessoas para fazer a cultura, dando condições para que manifestem os seus saberes.

¹³ Entrevista concedida por CURSINO, João Rafael. [17.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Afirmou que o turismo pode gerar recursos para a cultura local sem que provoque processos de espetacularização nas manifestações locais. Alertou também para a necessidade de implementação de um calendário que contemple os 52 finais de semana do ano, ação que ele denomina “São Luiz o ano todo”. Dessa forma, a estrutura receptiva seria mais bem utilizada e o fluxo de turistas poderia ser distribuído de uma maneira sustentável.

Para Eduardo Coelho, essa é a única forma de realmente se promover o desenvolvimento econômico local sustentável. Por fim, ele nos falou sobre a necessidade de melhoria na gestão do turismo cultural, a fim de beneficiar os detentores dos saberes tradicionais.

Eu costumo comentar que a questão cultural é inversamente proporcional à questão econômica em São Luiz do Paraitinga. Nos locais mais pobres da cidade onde a cultura é mais rica. A exemplo do Morro do Cruzeiro e do bairro do Raizeiro, são pessoas de origem simples ou rural, detentoras de um grande patrimônio cultural imaterial, dentro dos saberes e fazeres. Na maior parte das vezes, essas pessoas ganham um salário mínimo. Por isso, a gestão do turismo da cultura na minha visão é importante. Ela tem que promover o desenvolvimento econômico dessas pessoas que são as detentoras (informação verbal).¹⁴

Ana Rosa Moradei considera a cultura em São Luiz muito ligada à vida rural, mas vê que, diante do êxodo rural, as comunidades têm criado novos parâmetros e continuado as vivências, e assim as manifestações não ficam descoladas da vida daquelas pessoas. Questionada sobre medidas de sustentabilidade do capital cultural, ela nos respondeu que o fomento ao modo de vida rural promoveria indiretamente a sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do Paraitinga.

A pessoa muitas vezes não tem mais condições de viver da terra. Então projetos sociais no campo, de agricultura familiar e pesquisa de solo, capazes de manter a pessoa na terra que ela herdou, são medidas de sustentabilidade cultural. Se ela conseguir plantar e colher, ela vai fazer dançar pra agradecer. Então você não tem que investir diretamente na dança dela, porque a cultura na verdade ela flui (informação verbal).¹⁵

Leandro Barbosa considera que instrumentalizar a comunidade seja uma das principais formas de preservar o seu patrimônio, pois a comunidade e a sociedade civil organizadas também podem buscar formas de resolver essas questões sem depender exclusivamente do poder público.

¹⁴ Entrevista concedida por COELHO, Eduardo Oliveira. [22.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

¹⁵ Entrevista concedida por MORADEI, Ana Rosa. [15.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Para ele, há necessidade de consciência política e cultural para que haja compreensão da importância do capital cultural ao município. Perguntado sobre medidas de sustentabilidade ele nos disse:

No âmbito do poder público, contratar as bandas de São Luiz do Paraitinga, as duplas de moda de viola de São Luiz do Paraitinga, os grupos teatrais locais e os mestres locais são ações que valorizam nosso patrimônio. Não só valoriza o artista individualmente que está lá no palco, mas valoriza também toda a nossa cultura. (...) Quando um filho, um neto, vê o pai no palco tocando moda de viola ou o avô cantando na Folia do Divino, e sendo aplaudido de pé pelos turistas e pelas pessoas da cidade, isso traz uma valorização muito grande para aquela manifestação cultural (informação verbal).¹⁶

Ele nos contou sobre a dificuldade que a cultura caipira tem de realizar o registro documental e que a maior parte do conhecimento fica só na oralidade; porém, salientou que as novas gerações já estão se instrumentalizando para fazer registros audiovisuais e difundir esse conteúdo. Mencionou o intercâmbio com grupos de outras cidades e outras regiões para fazer essa troca de experiências, uma vez que as “coisas” de fora também têm muito para agregar. Destacou a importância de manter vivas no calendário luizense atividades como o “Festival de Moda de Viola” e o “Encontro de Folia de Reis” (que não foram realizados por alguns anos) para a sustentabilidade das manifestações culturais. Deu como exemplo o caso das Folias de Reis de São Luiz do Paraitinga.

Quando nós pensamos em retomar os encontros de Folias de Reis em São Luiz do Paraitinga, foi falado nos encontros prévios de organização com os mestres que havia apenas duas Folias de Reis atuantes em São Luís e que as outras já não existiam mais. Foi só a gente voltar a fazer Encontro de Folias de Reis na cidade, que outros quatro grupos de folias de reis retomaram suas atividades se organizaram pra se apresentar nesse Encontro de Folia de Reis (informação verbal).¹⁷

¹⁶ Entrevista concedida por BARBOSA, Leandro. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

¹⁷ Entrevista concedida por BARBOSA, Leandro. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Ainda no tocante a medidas de sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do Paraitinga, fomos investigar com o secretário de Cultura e Turismo, Netto Campos, como se dá o processo de formação e fomento da música, um dos principais capitais culturais da cidade.

Netto nos disse que, no âmbito da formação, a cidade conta com a Corporação São Luis de Tolosa, fundada em 1949, que ensina o bê-á-bá da música até que esses músicos cheguem a um nível que lhes possibilite realizar uma apresentação com a corporação. Desde 1987 o município conta também com a Fanfarras Monsenhor Ignácio Gióia (FAMIG), que também faz trabalho de formação. Nesse cenário, o ritmo mais presente é o dobrado, uma espécie de marcha militar. Essas informações nos permitem traçar um paralelo do porquê a marchinha se deu bem no contexto local.

Mais recentemente foi instalada em São Luiz uma unidade do Projeto Guri do Governo do Estado de São Paulo, que também colabora com esse processo de formação. Atualmente, o Guri atende 100 crianças, a fanfarras é composta por 70-80 pessoas e na corporação há entre 60 e 70 pessoas. Trata-se, então, de um universo aproximado de 250 crianças, jovens e adultos inseridos nesse conjunto de formação da musicalidade local, o que corresponde a quase 5% da população em formação musical continuada.

Questionamos de que forma esse processo de formação musical, que promove valor cultural e valor econômico para o município, é viabilizado em termos financeiros. Netto nos explicou que a prefeitura municipal subsidia diretamente a corporação musical e a fanfarras com repasses anuais diretos de, aproximadamente, R\$ 120.000,00 (cento e vinte mil reais). Também fornecem suporte e local para que o Projeto Guri ocorra no município. Netto explica que a atuação do poder público não se restringe à formação. “Quando a gente fala da produção dessas festas todas, carnaval e festivais, elas estão ligadas a todo esse trabalho de estímulo à música, a musicalidade local. No que diz respeito a gerar recursos, via contratação direta da classe artística musical local” (informação verbal).¹⁸

Netto também nos relatou que em muitas discussões sobre o caminho da música em São Luiz tem sido aventada a possibilidade de ser criado o *Conservatório São Luiz do Paraitinga de Música Popular Brasileira* para possibilitar condições a todos esses músicos de dar continuidade a seus estudos e evoluir ainda mais em seu conhecimento musical.

¹⁸ Entrevista concedida por CAMPOS NETTO, Benedito Filadélfio de. [25.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

Tanto a corporação quanto a fanfarra e o projeto Guri seriam mantidos e o conservatório seria o último estágio desse processo de formação. Para ele, esse é um caminho viável para o município e com certeza poderá contribuir muito para a questão da sustentabilidade desse patrimônio imaterial.

É interessante notarmos o quanto é estratégico o investimento em música para o desenvolvimento econômico de São Luiz do Paraitinga. Além de todo fluxo de bens e serviços que os eventos musicais promovem no município, a música também integra São Luiz ao resto do mundo.

Existem inúmeros artistas com trabalhos autorais na cidade. Só de carnaval são 13 bandas atualmente em atividade. Muitos desses artistas traçam o habitual caminho de gravações independentes, shows em outras localidades e se utilizam das plataformas digitais para difusão do seu trabalho. Nesse processo, todos são categóricos em afirmar que são luizenses e dessa forma vão despertando o interesse turístico pela cidade.

Paira em São Luiz um ambiente artístico, musical e receptivo, possível de se perceber logo nos primeiros passeios pelo centro histórico. Esse ambiente atrai músicos, artistas e intelectuais que se tornam figuras constantemente presentes e muitas vezes acabam se mudando para o município, fortalecendo e inovando a cena cultural.

Por fim, perguntamos a Rafael Cursino sobre o atual estado de sustentabilidade do capital cultural imaterial de São Luiz do Paraitinga. Ele considera que, apesar de haver um discurso geral de tom fatalista sobre o fim da cultura, é preciso compreender o seu caráter dinâmico, uma vez que as pessoas mudam, as coisas mudam e a cultura popular tem a plasticidade como principal característica. A cultura não vai ser igual ao que era há 30 anos, pois ela se adapta a novas realidades, a novas funções. Por outro lado, ela tem uma base originada outrora e, por isso, não muda simplesmente, mas carrega uma história ali dentro da nova manifestação. No entanto, muitas manifestações infelizmente se encerram, e isso é um fato.

Sobre as medidas de sustentabilidade, ele aponta que qualquer modelo econômico cultural precisa contemplar a essência cultural. É preciso tomar cuidado para não se retirar o sentido de uma apresentação por interesses comerciais e turísticos, pois ela tem de fazer sentido para acontecer. Ele alega que a mudança é um traço da cultura popular em todo o mundo, mas em São Luiz há uma resistência cultural, a identidade é forte e a cultura faz parte da vida das pessoas, que

até de forma inconscientemente a defendem. A própria população não aceita os processos de espetacularização das manifestações culturais.

Para finalizar, Rafael Cursino discursa sobre os efeitos do modelo vigente de turismo cultural e o futuro do capital cultural de São Luiz do Paraitinga:

Você estar aberto para receber pessoas de fora, ou mesmo para gerar renda para as pessoas que estão vivendo da cultura, eu acho que isso mais ajuda do que atrapalha. (...) A identidade luizense graças a Deus tá muito firme. Podem mudar os atores e as formas, mas a cidade se organiza no seu dia a dia através da coletividade. Não vai mudar tão fácil (informação verbal).¹⁹

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a investigar a sustentabilidade do capital cultural no município de São Luiz do Paraitinga/SP, cidade que detém um dos mais notórios conjuntos patrimoniais (bens materiais e imateriais) do estado e, atualmente, tem no turismo cultural sua principal atividade econômica.

Adotamos o conceito de capital cultural de Throsby (2001), entendido pela perspectiva econômica como um conjunto de bens culturais, em determinado tempo e espaço, capaz de dar origem a um fluxo de bens e serviços. Em nossa pesquisa, pudemos verificar que os bens e valores culturais que dão origem ao capital cultural de São Luiz do Paraitinga são intrínsecos à população, ou seja, estão realmente inseridos no cotidiano das pessoas, e os valores culturais em questão muitas vezes se confundem com a própria identidade local.

Pela perspectiva cultural, encontramos diversas práticas que se configuram como princípios de sustentabilidade do capital cultural, tais como: promoção de benefícios, transmissão intergeracional e manutenção da diversidade.

A preservação desse capital cultural, que subsidia o desenvolvimento econômico local, é feita de maneira orgânica pela comunidade, que valoriza a tradição das vivências culturais como parte integrante de sua identidade.

¹⁹ Entrevista concedida por CURSINO, João Rafael. [17.10.2020]. Entrevistadora: Luciana Thomaz da Silva Machado, videoconferência.

No entanto, quanto à gestão desse capital, não identificamos políticas públicas ou mesmo uma articulação significativa da sociedade civil organizada em prol da sustentabilidade do principal ativo econômico do município.

Grande parte dos modelos operacionais vigentes no município foram desenvolvidos após oportunidades comerciais identificadas nos períodos das principais festas, sem contemplar um maior planejamento. Um exemplo disso é a ausência de contrapartidas para as manifestações culturais, principais atrativos das festas.

Foi possível constatar também que boa parte da população não tem uma visão positiva do turismo cultural, teme pela perda dos valores culturais e afirma que poucos são beneficiados financeiramente no modelo vigente.

Dessa forma, concluímos que existe a necessidade de se promover uma articulação entre poder público, sociedade civil organizada e comunidade em busca de ajustes e melhorias no modelo vigente de turismo cultural no município, no intuito de fortalecer sua sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLUCCI, Renata Rendelucci. *Carnaval de São Luiz do Paraitinga: conflito entre isolamento e abertura da cidade*. São Paulo, 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS PARA A RECONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA. Disponível em <<https://www.amisaoluiz.org.br/sao-luiz-do-paraitinga>>. Acesso: 12 de nov. 2020.

COMUNICAÇÃO OFICIAL DA PREFEITURA DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA. Disponível em: <<http://www.turismosaoluizdoparaitinga.com.br/>>. Acesso: 18 de nov. 2020.

FONSECA REIS, Ana Carla. *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura*. Barueri: Manole, 2007.

GINSBURG, Victor A.; THROSBY, David (eds.). *Handbook of the Economics of Art and Culture*. North Holland: Elsevier, 2006. v. 1.

MORAES, Stela Guimarães de. *Do rabo e chifre às marchinhas: como uma reportagem da Rede Globo interferiu na criação do carnaval de São Luiz do Paraitinga (SP)*. São Paulo, 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação)–Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

SUZUKI, Miwako. *Atividades de design como capital cultural: novas tendências nos países latino-americanos*. São Paulo: Editora Blucher, 2020.

THROSBY, David. Cultural Capital. *Journal of Cultural Economics*, n. 23, p. 3-12, 1999.

_____. *Economics and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.